

7 DE ABRIL

# INQUÉRITO

112

4/4/76

## NA LUTA DA MULHER OPERÁRIA E CAMPONESA



**LINA SEU AFU**  
**IDADE: 38 ANOS**  
**VENDEDEIRA DO MERCADO**  
**XIPAMANINE**  
**SOLTEIRA, MÃE DE 5 FILHOS**

T — O que é que acha do dia 7 de Abril, Dia da Mulher Moçambicana?

R — Sinto-me muito satisfeita pela Libertação da mulher. Quanto ao dia 7 de Abril sentimo-nos satisfeitas porque ao mesmo tempo recordamos a memória de Josina Machel, que tanto lutou e trabalhou pela nossa libertação.

T — Quais os problemas que mais a afecta como mulher Moçambicana?

R — Não sei o que posso dizer dos problemas da mulher, porque temos estudado os problemas da mulher, mas não tenho notado contradições, até porque as responsáveis que nos guiam, ainda não notei nelas mau comportamento perante os trabalhos e problemas da mulher.

Como disse, sou mãe de 5 filhos. E não vivo com meu marido sinto-me preocupada por não po-

der viver com ele, no entanto gostaria de viver casada, mas fui casada desde criança, porque o primeiro homem com quem vivi, só me lobolou, não chegando a realizar o casamento civil. Chegou a uma certa altura abandonou-me juntamente com os filhos. Depois arranjei outro com quem eu queria viver, mas esse também acabou por me abandonar. Agora estou a estudar a melhor maneira de poder viver com um homem, mas até ainda não arranjei solução para isso.

T — Face a problemas deste género o que é que a OMM tem feito até agora para superá-los?

R — Temos discutido os vários problemas da mulher, o sentido de adoptar uma linha de orientação, nomeadamente a preocupação que devemos ter perante os problemas de mães solteiras, e mulheres que levam uma vida vergonhosa, por exemplo aquelas que têm muitos maridos e aquelas que ainda praticam a prostituição, portanto, tentamos acabar com este modo de vida, fazendo compreender que uma mulher deve viver com um homem, como o homem deve viver só com uma mulher.

T — O que acha do lobolo?

R — Pela minha maneira de ver acho que o lobolo deve acabar, porque dificulta a união entre uma mulher e um homem. Uma filha não se deve vender. Gostaria que acabasse com esse sistema do lobolo, porque acima de tudo só vem valorizar a mulher.

T — Além das perguntas que lhe fizemos, gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

R — Sim. Além disto tudo queria falar das creches. As creches são uma solução para ajudar mulheres que têm filhos e trabalham para sustentá-los.



**ANA MARIANA NGWENHA**  
**IDADE. 17 ANOS**  
**COSTUREIRA,**  
**SOLTEIRA, MÃE DE 1 FILHO**

T — Estabeleça uma comparação, entre a mulher moçambicana actual e a mulher no regime colonial. E o que acha que a mulher deve fazer para se tornar realmente livre.

R — Eu acho que agora que estamos independentes a mulher moçambicana deve-se considerar uma boa mulher e trabalhar para a revolução, e para deixar o regime que já se passou, em que era a mulher massacrada pelo homem, não sabia o que é que ela havia de fazer, e era massacrada pelo regime. E agora que estamos independentes devemos trabalhar e agora a OMM deve fazer o que é necessário para a Revolução. Agora que estamos independentes não podemos fazer o que se fazia dantes, devemos fazer aquilo que a Linha da FRELIMO exige.

T — Tem participado nas reuniões da OMM? E quais os problemas que têm discutido?

R — Sim, tenho participado nas reuniões do serviço que são aos sábados das 12 às 14 horas, e lá nas reuniões da área também são assim, mas nem sempre tenho tempo de ir lá. Quanto aos problemas das mulheres, ainda

não discutimos nada porque as nossas reuniões começaram há pouco tempo.

T — Como encara o dia da Mulher Moçambicana?

R — Penso que devemos desenvolver os nossos trabalhos, no sentido de saber como devemos fazer para melhor servirmos a Revolução, e estudarmos como segui-la. Desta maneira nas reuniões da O. M. M. tem feito muitos trabalhos para comemorar o 7 de Abril.

T — Quais os problemas que a afectam como mulher?

R — Tenho um filho mas não vivo com o pai dele, porque ele diz que não quer nada comigo. Sendo assim apresentei o caso ao G. D. para que me ajudassem a solucionar este problema. Ficou decidido que ele daria uma pensão ao filho e ia registá-lo, porque apesar de trabalhar não aguento com as despesas. Além do meu filho vivo com a minha mãe a quem tenho que sustentar. Assim foi resolvido o problema, e ele aceitou.

T — Como encara os problemas deste género?

R — Gostaria que estes problemas fossem eliminados, porque também os homens têm-se metido com muitas mulheres só para passar o tempo, causando assim problemas desta natureza e por fim abandoná-las. Deste modo, muitas como eu têm sofrido muito com estes problemas. Portanto volto a dizer que gostaria que isto fosse destruído porque no momento em que nos encontramos, seria bom que cada uma tivesse o seu lar juntamente com o seu marido.

T — Quanto ao lobolo, qual o seu ponto de vista?

— O lobolo por mim deve morrer, porque não passa de mais um meio de exploração. Há muitos a quem lhes são exigidos sete contos ou mais pelo lobolo e como disse, é uma exploração. É exactamente por isso que muitas mulheres sofrem e não podem abrir a boca porque foram compradas e assim são maltratadas pelos homens alegando ter pago muito dinheiro pelo lobolo. O que eu acho é que a mulher deve ser libertada e saber o que deve fazer de modo que saiba respeitar o homem assim como o homem também tem por obrigação respeitar a mulher.



**ANA MARIA,**  
**IDADE 30 ANOS,**  
**EMPREGADA DE BALÇÃO,**  
**CASADA.**

Perante as várias perguntas que formulámos a esta camarada, alegou não estar a par da situação e dos problemas genéricos da mulher nesta altura, pela sua falta de participação nas reuniões da O. M. M., no seu bairro, devido ao seu horário de trabalho, e por outro lado, no seu serviço ainda não se encontra devidamente organizada a subsecção da O. M. M.

Entretanto fez uma breve comparação da mulher no momento actual e a mulher no regime colonial.

«Nós as mulheres, no regime colonial, éramos desrespeitadas porque havia muitas que bebiam demais e praticavam a prostituição. Andavam de noite, de vestidos curtos, todas pintadas de modo indecente. Hoje, noto que estes vícios todos que a mulher praticava, estão acabando aos poucos. Estou pessoalmente muito satisfeita.»



**TERESA ASSIM DA SILVA FUMO,**  
**IDADE 27 ANOS,**

## **EMPREGADA DE BALÇÃO,** **SOLTEIRA.**

T — Como se têm desenvolvido os trabalhos da OMM na célula do seu bairro e do seu local de trabalho?

R — Temos feito reuniões, temos desenvolvido a cultura moçambicana e neste momento estamos fazendo preparativos para a comemoração do dia 7 de Abril. Tenho assistido às reuniões normais do bairro onde vivo, onde em conjunto se debatem problemas que afectam a mulher. Nem sempre tenho assistido àquelas reuniões porque, no serviço também temos reuniões, chegando por vezes tarde à casa.

T — Fale-nos da mulher e seus problemas?

R — Já há muitas mulheres que não trabalham como antigamente, moravam em flats alugadas pagando as rendas com o seu próprio corpo. Agora no entanto, para a mulher ser emancipada e ter uma boa casa, ter o seu marido e os seus filhos. Aquilo que eu sinto e que me faz admirar é porque tenho visto muitas aqui, que andam em grupos e não sei onde é que moram, e noutras áreas, eu admiro porque há muitas miúdas que têm aparecido aqui a comprar coisas, umas que nem trabalham e nem andam na escola. Eu sinto que, o que nós poderíamos fazer era, na área aonde elas moram se deveria procurar saber o que se passa na vida delas. Nós na nossa área felizmente não há nada disso, mas aqui passam-se muitas coisas disso, nos subúrbios há muita coisa disso, muita. Nós temos combatido na nossa área, portanto, não há nada disso.

Eu acho que as reuniões têm feito tudo para combater e acabar com isso, porque é uma pouca vergonha. Uma mulher que é moçambicana, não deve ter em sua casa miúdas que não trabalhem, que não fazem nada.

Eu acho que não é uma coisa boa ...

Eu acho que agora está melhor. Não é como antigamente uma pessoa vivia assim à balda, de qualquer maneira, via filhos que os pais não se interessavam. Uma miúda de quinze aninhos estava grávida, não queria saber se tinha pai, se tinha mãe. Agora eu acho que está muito bom por-

que há muita coisa cortada daquilo que se passava antigamente. A filha crescia até aos quinze anos, saía das mãos da mãe e por fim a mãe já não via a filha nem por nada. Agora nota-se muitas que tinham abandonado os pais, e que agora voltam outra vez.

Agora com as creches uma pessoa já sabe que tem uma parte aonde pôr o filho a estudar, e, facilita muita coisa. Há muitos que sofriam, que tinham que trabalhar 30 dias mas só trabalhavam 15 dias porque tinham o filho doente, tinham de ficar em casa. Mas agora as creches facilitam-nos muito.



**SÃO CARVALHO**  
IDADE: 19 ANOS,  
CASADA, SEM FILHOS,  
DOMÉSTICA.

T—Quais são a seu ver as principais diferenças entre a vida da mulher no tempo colonial e agora?

R—Liberta de todo o regime em que estava submetida, a mulher não podia se exprimir, não se podia manifestar, pois era um ser considerado inferior ao homem. Ela própria sentia isso, vivia sob um género de repressão.

Em reuniões focaram muitos problemas relativamente ao regime em que a mulher estava submetida e a diferença que se nota agora, é que a mulher já participa mais, e embora estejamos no princípio, é muito mais activa em todas as tarefas.

Estamos ultrapassando aqueles costumes que ela estava habituada a ter—por exemplo—, que a mulher era considerada um ser inferior, estava em casa enquanto o homem é que trabalhava, a mulher só tomava conta dos filhos e tinha por esse meio

arranjar alimentos e o homem praticamente é que governava a casa. O homem porque ganhava dinheiro era considerado superior.

Agora o homem face à emancipação da mulher, tem prestado colaboração e até ele próprio ajuda a mulher. A mulher uma vez que não estava habituada, agora sente aquele auxílio.

T—O que pensa do problema das mães solteiras?

R—Quanto às mães solteiras, não considero por isso, mal a mulher. Isto até pode ser qualquer problema da mulher porque sei lá o que pode ter acontecido, pode haver muitas razões.

No entanto essa mulher pode ser muito honesta, e não haver problemas. Se fosse no meu caso não me sentiria muito inferior, sentir-me-ia como outra mulher, simplesmente sucedeu-me esse problema e pronto. E então tentava educar o filho e como agora uma vez que estão a ser feitas muitas creches, pois concerteza, tentava educá-lo neste meio, uma vez que não tivesse possibilidades, quer dizer, tentava emprego e sustentava o filho. E no meu parecer as creches seriam prioritárias a pessoas nessas condições.



**GILDA GONÇALVES,**  
NÃO SABE A IDADE,  
CASADA COM TRÊS FILHOS,  
CAMPONESA

T—Quais são os seus principais problemas?

R—Eu e o meu marido trabalhamos no campo porque o meu marido não arranja emprego, mesmo assim os nossos esforços no campo foram inúteis porque houve muitas chuvas e não produzimos nada.

Como mulher moçambicana, noto que estamos livres da opressão a que fomos submetidas na era colonial em que os homens desrespeitam-nos. A minha opinião é que devemos viver unidos sem andarmos a pancadaria e nem discussões desnecessárias.

Concordo com a vida colectiva dos camponeses pois só vem beneficiar o povo no sentido de estreitar cada vez mais os laços de unidade.

Outro problema é do meu filho mais velho, tem cinco anos mas não anda na escola porque não tenho cinquenta escudos que são exigidos para fazer a matrícula.



**ATALIA UAMUSSE,**  
23 ANOS  
SOLTEIRA COM TRÊS FILHOS  
VENDEDEIRA E CAMPONESA

Como disse sou solteira e mãe de três filhos. O pai destes miúdos existe e trabalha aqui perto. Tudo começou por me ter deixado grávida quando foi para a tropa colonial e quando voltou encontrou-me com o filho e disse que, como eu faço filhos já não precisava de mim pois, a mulher dele não faz filhos, e disse que a mulher com quem ele se casou, não queria de maneira nenhuma que eu vivesse com ele, pois ele perderia interesse por ela. Eu como não tenho direitos sobre ele, sendo uma simples amante fiquei assim, deste modo continuamos a fazer filhos. Morreram três ficando agora com outros três vivos.

Problemas como estes temos debatido e discutido de várias maneiras de modo a arranjar uma linha de orientação para tentarmos pôr fim aos mesmos. No entanto, até aqui ainda não tomamos uma definição concreta. Nestas reuniões tem-se foca-

do e abordado as construções de creches que a meu parecer vem solucionar em especial a educação correcta dos filhos das mulheres que não têm marido.



**LUÍSA MANHIQUE,  
SOLTEIRA SEM FILHOS,  
OPERÁRIA.**

Quanto aos problemas que dizem respeito à mulher, segundo o meu ponto de vista, julgo que no momento actual devemos saber o que temos a fazer porque o nosso momento já chegou. Devemos saber que nós as mulheres como estamos livres, temos de assegurar esta liberdade, tal como os outros camaradas que bem a asseguraram até esta altura em que nos encontramos, durante os seus dez anos de luta contra a opressão, devemos tomá-los como exemplo, pois neste momento em que nos encontramos, devemos demonstrar que somos mulheres organizadas, seguras, sem medo nem timidez.

Desde a altura em que nos tornamos livres da opressão estrangeira, começamos a criar um ambiente de unidade, ouvindo os problemas deste e daquele, tanto nos modos de trabalhar como nos modos de vida particular, seguindo as linhas de orientação do Partido. Devemos acabar com os maus vícios e maus procedimentos, que nós as mulheres temos, ou juntamente com os homens. É necessário acabar com o alcoolismo, acabar com a prostituição que ainda continua, a fim de nos tornarmos verdadeiramente livres. A melhor maneira de acabar estes vícios e na minha maneira de ver, em primeiro lugar, assumir a consciência revolucionária, e acima de tudo seguir a Linha Política da FRELIMO. Devemos trabalhar nas fábricas ou

no campo, porque não há um outro meio de viver decentemente, senão pegar na enxada, pegar no machado, cortar a lenha ou fazer carvão.

Comparando a vida que a mulher levava no dia de ontem, ao dia de hoje, noto que hoje levamos uma vida totalmente diferente. Agora levamos uma vida melhor, até porque eu própria sinto que estamos realmente independentes, porque o que se passava ontem é diferente do que se passa hoje.

Quanto ao dia da mulher moçambicana, embora não tivéssemos até aqui discutido, acho que devemos elaborar um programa para comemorar esta data visto ser o dia alusivo à libertação da mulher.



**AMÉLIA MATOLA,  
DE 29 ANOS DE IDADE,  
SOLTEIRA COM 3 FILHOS,  
OPERÁRIA.**

Estou muito satisfeita com a OMM, na qual aprendemos umas das outras, a maneira de viver, deixando certos vícios herdados do colonialismo, adquirindo o respeito e nem sabiam respeitar o homem.

Os problemas que afectam a mulher, inclusive a mim, são muitos e variáveis. Mas com a participação de todas as mulheres na OMM para a discussão de todos

os problemas, procuramos a melhor maneira de levarmos uma vida boa. Por exemplo, a nossa OMM do serviço, desenvolveu muitos trabalhos no sentido de recuperar muitas mulheres que levavam uma vida indecente, porque havia muitas, que não respeitavam a sua dignidade como mulher e nem sabia respeitar o homem. Mas agora nota-se o respeito entre nós assim como o respeito mútuo entre a mulher e o homem.

Como mulher tenho problemas que me afligem, como por exemplo, tenho três filhos, mas vivo separada do marido que nem sequer dá a pensão aos nossos filhos. Desta maneira vejo-me obrigada a sustentá-los sózinha. Esse homem lobolou-me e viveu comigo mas depois separamo-nos.

Quanto ao lobolo não vejo qual é o interesse que isso tem, pode acabar porque não constitui nenhum obstáculo para que haja amor entre dois seres humanos, e, a mulher quer lobolada ou não, se houver contradições com o marido e concluírem que se devem separar, separam-se. Assim como há mulheres que vivem muito bem com os seus maridos apesar de não terem sido loboladas. Afinal o que conta é o amor e não o dinheiro. No entanto há quem discorde com a eliminação do lobolo, porque essas pessoas ainda querem que as suas filhas sejam loboladas, esquecendo-se de que o bem estar da filha é o amor.

P — Tem mais algum problema a focar?

R — As creches do meu serviço, por exemplo. Não têm condições nenhuma de higiene. Muitas mães têm-se queixado muito neste aspecto e eu apesar de não ter filhos com idades de estarem nessas creches vejo que não há realmente condições, porque eu como mulher sinto-me mal ao ver uma criança em más condições.